

Trajetórias femininas no Colégio Pedro II

Rosana Llopis Alves*

Resumo: Fundado em 1837, o Colégio Pedro II, em seu decreto de criação, não especificou destinar-se exclusivamente à educação de meninos. Segundo os costumes da época, no entanto, era essa a clientela possível. O ingresso das mulheres no corpo discente do Colégio somente efetivou-se noventa anos após a sua fundação, em 1927. Essa conquista, de certa forma, pode ser considerada como um atendimento a uma das reivindicações do movimento feminista que naquela década lutava, principalmente, pelo acesso das mulheres a uma maior escolarização e inserção social. Antes mesmo dessa vitória feminina, no entanto, outros caminhos foram trilhados por diferentes mulheres na referida instituição. Algumas trajetórias causaram impacto, inúmeras outras foram interrompidas. Avanços e retrocessos marcaram a presença feminina no Colégio Pedro II, até que a mulher, de fato, pudesse ocupar seu lugar nesse estabelecimento de ensino.

Palavras-chaves: Mulheres; Colégio Pedro II; Educação.

Abstract: Found in 1837, the Colégio Pedro II, in its creation decree, did not specify destining exclusively to the boys education. According to the epoch customs, however, this was the possible clientele. The women's entry in the student body of the College had only effected ninety years after its foundation, in 1927. This conquest, in any way, can be considered as an attendance to one of the demands of the feminist movement that in that decade fought, mainly, by the women's access to a higher scholar condition and social insertion. Previous to this feminine victory, however, others ways were thrashed by different women in the referred institution. Some trajectories caused impact, several others were disrupted. Advances and retrocession marked the feminine presence in the Colégio Pedro II, until the woman, in fact, could occupy her place in this teaching establishment.

Key words: Women; Colégio Pedro II; Education.

A inserção das mulheres nos diferentes espaços do Colégio Pedro II foi o resultado de um longo processo permeado por avanços e retrocessos. Durante o Período Imperial essa instituição de ensino constituiu-se num lugar exclusivamente masculino. Foram homens os seus dirigentes e todos os seus professores. A sua clientela estudantil restringiu-se aos meninos e rapazes, embora tal restrição não constasse do Decreto de fundação do Colégio de 2 de dezembro de 1837. No Império, em situações muito especiais e em curtos espaços de tempo, algumas poucas mulheres transitaram por esse estabelecimento dedicado ao ensino

CPII – NUDOM / UFF. Pesquisadora do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM). Coordenadora e professora de História do Colégio Pedro II. Doutoranda em Educação pela UFF.

secundário, constituindo-se em exceções. A presença feminina no Colégio Pedro II somente efetivou-se, no Período Republicano, a partir da década de 1920.

Data de 1866 a primeira incursão da mulher nesse universo tipicamente masculino. Mais precisamente, nos dias 7, 14, 20, 26 e 30 de maio do citado ano, o Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo recebeu, numa de suas salas, certo público feminino para assistir a algumas conferências proferidas por Jean Louis Rodolphe Agassiz em companhia de sua esposa Elizabeth Cary Agassiz. Esse naturalista, aceitando convite do reitor do Collegio, Dr. Pacheco da Silva, realizou nesta casa algumas palestras abertas a todos aqueles que desejassem ouvir e aprender. Até então, os trabalhos científicos e literários costumavam ser apresentados na corte a público cuidadosamente escolhido pelo Imperador.

Uma palavra sobre essas conferências: dando crédito ao que dizem os próprios brasileiros, elas constituem para eles uma novidade desconhecida e, até certo ponto, revolução nos seus hábitos. Se algum trabalho científico ou literário se apresenta ao público do Rio, é em condições especiais e diante de um auditório de elite, na presença do Imperador, que o autor procede solenemente sua leitura. (AGASSIZ, 1975: 75)

Tal idéia inovadora do reitor contou com o apoio do Imperador D. Pedro II, que prestigiou as apresentações dos Agassiz em companhia da Imperatriz Tereza Cristina e das princesas. Assim, o comparecimento de público feminino a um evento como esse, que normalmente seria pouco provável, acabou por ser sancionado pela própria família imperial. Também a presença de Elisabeth Cary reforçou, sem dúvida, a frequência de considerável número de mulheres naquelas tardes científicas.

A princípio a presença das senhoras foi julgada impossível, como inovação demasiada nos hábitos nacionais; mas esse preconceito foi logo vencido e as portas se abriram para todos, à verdadeira moda da Nova Inglaterra. (AGASSIZ, 1975: 75)

A viagem de Agassiz ao Brasil fazia parte do empreendimento científico “Thayer Expedition”. No comando dessa expedição, Louis Agassiz visitou o país no período de 1865-1866 em companhia de sua esposa Elizabeth e de outros estudiosos. Um dos principais objetivos dessa viagem era o de combater as teses darwinistas de seleção natural¹, procurando mostrar a natureza como obra divina.

As concepções de Agassiz diferiam radicalmente das teorias da evolução pela seleção natural defendidas por Darwin. O zoólogo suíço insistia em argumentar a partir da vontade do Criador e de sua constante intervenção no mundo. Para Darwin e os evolucionistas, a intervenção de Deus se limitaria ao sopro inicial da vida na Terra. Todas as espécies teriam uma única origem, não sendo, por conseguinte, frutos de criações repetidas e locais. (KURY, 2001: 162)

¹ O livro “A Origem das espécies” de Darwin havia sido publicado em 1859.

Louis Agassiz, criacionista convicto, desejava reforçar os argumentos contra os evolucionistas e para tanto buscou as terras brasileiras, o mesmo terreno onde o próprio Darwin havia explorado quando da elaboração de sua teoria. Assim, a expedição Thayer chegou ao Rio de Janeiro no dia 23 de abril de 1865 e apenas prosseguiu viagem para a Amazônia em 25 de julho de 1865. Nesse intervalo de tempo, Agassiz proferiu as cinco conferências já mencionadas no Imperial Collegio de Pedro Segundo. O relato dessa viagem de autoria do casal Agassiz foi publicado em 1867². Elisabeth Cary Agassiz procurou, nessa obra, explicar de forma simples as teorias de seu marido, transcrevendo trechos de cartas e conferências, narrando aventuras e acontecimentos vivenciados nessa empreitada. Louis encarregou-se de acrescentar notas e apêndices sobre suas teorias científicas.

Relatos de viagens científicas raramente contavam com a participação feminina. Os textos de mulheres, como os de Maria Graham, normalmente se filiavam ao gênero de relato pitoresco. O que confere à Elisabeth certa singularidade é o fato da sua obra se inserir no campo da produção científica, apesar de nela também coexistirem aspectos pitorescos. Sua presença nas conferências de Agassiz no Rio de Janeiro acrescentou prestígio e maior publicidade ao evento e, igualmente, favoreceu o comparecimento de muitas mulheres às “Conversações Científicas” no Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo.

Muitos anos se passaram até que as mulheres novamente pudessem retornar ao Colégio. Dessa vez, não mais como público ouvinte de conferências, mas na condição de alunas. Em 1883, o Dr. Cândido Barata Ribeiro conseguiu matricular suas filhas Cândida Borges Ribeiro e Leonor Borges Ribeiro, depois de algumas dificuldades. Primeiramente, o Reitor do Colégio, José Joaquim do Carmo, encaminhou o requerimento do pai das meninas, solicitando matrícula para ambas, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Pedro Leão Velloso, sem deixar de emitir sua opinião: “[...] cumpre-me declarar que não encontro disposição expressa nem sei de precedentes que me autorizem a despachar favoravelmente esta pretensão”. (COLÉGIO PEDRO II, 1858-1883: 228)

Apesar da inclinação do Reitor em não matricular as meninas, o Ministro Leão Velloso, através do Aviso nº 778 de 22 de fevereiro de 1883, determinou que as filhas do lente da Escola de Medicina, Dr. Cândido Barata Ribeiro, fossem admitidas no Externato, “por não existir disposição legal proibitiva”. (DÓRIA, 1997: 153). Essa concessão acabou por beneficiar mais três alunas: “Maria Júlia Picanço da Costa, Maria Olympia de Moraes Kohn e

² Esse relato transformou-se na obra: AGASSIZ, Elizabeth Cary e Louis. *A Journey in Brasil*. Boston: Fields & Osgood, 1867.

Zulmira de Moraes Kohn, as duas últimas, futuras professoras, todas de importantes famílias estabelecidas no Rio de Janeiro”. (ANDRADE, 2000: 5)

Em 1885, no Imperial Collegio de Pedro Segundo encontravam-se matriculadas quinze alunas e cinco ouvintes. “Das alunas do Externato no ano letivo de 1885 uma contava 22 anos de idade, outra 16, a idade das demais variando entre 14 e 10 anos. Só 1 aluna freqüentava o 3º ano, as outras matriculadas no 2º e 1º ano.” (DÓRIA, 1997: 154) Diante desse quadro, o Reitor José Joaquim do Carmo, em Ofício de 30 de maio, solicitou ao Ministro do Império, o Senador Meira de Vasconcellos, a nomeação de inspetoras, sem deixar de ponderar sobre a conveniência das alunas serem transferidas para a Escola Normal da Corte, para o Liceu de Artes e Ofícios ou para o curso noturno secundário que funcionava no colégio e que fora fundado pelo professor José Manoel Garcia.

A permanência das meninas no Colégio, nesse período, foi breve. Através da Decisão nº 58 de 26 de setembro de 1885, o Ministro Ambrósio Leitão da Cunha, o Barão de Mamoré³, acatando a sugestão do reitor do Colégio, solicitou que as meninas matriculadas fossem transferidas para qualquer uma das instituições sugeridas pelo dirigente do Imperial Collegio. Como justificativa, utilizou a falta de verba para despesas com inspetoras de alunas: “Tendo resolvido que, por não estar contemplada na Lei do orçamento, cesse imediatamente a despesa autorizada em 16 de Julho findo com uma inspectora de alumnas do Externato do Imperial Collegio de Pedro II”. (BRASIL, 1886: 40)

Essa Decisão representou verdadeiro retrocesso na trajetória feminina no Colégio, pois além de excluir as meninas já matriculadas, proibiu o acesso de qualquer outra aluna à instituição, explicitando a clientela do Colégio: meninos. “Destinando-se o Imperial Collegio de Pedro II sómente ao ensino das pessoas do sexo masculino, declaro por esta ocasião a Vm. que não devem mais ser alli admitidas as do sexo feminino.” (BRASIL, 1886: 40)

Assim, durante todo o Império, o colégio permaneceu como uma instituição voltada para o público masculino, salvo um período de curtíssima exceção. Durante a República, até 1926, manteve a sua concepção de escola voltada para meninos. Nesse ano, interpretando liberalmente o decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, o Diretor Geral do Departamento Nacional do Ensino, Juvenil da Rocha Vaz, autorizou a matrícula de uma menina, de nome Yvonne Monteiro da Silva, no Externato do Colégio Pedro II.

³ A 20 de agosto de 1885, Meira de Vasconcellos saiu da Pasta do Império cedendo lugar ao Senador Ambrosio Leitão da Cunha, o Barão de Mamoré.

Nº 285

1º anno

Aos sete dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte e seis, matriculou-se no primeiro anno deste externato como alumna cont. Yvonne Monteiro da Silva, nascida a 8 de janeiro de mil novecentos e treze, natural do Distrito Federal, filha de Rubens Monteiro da Silva. E para constar eu, Octacílio A. Pereira secretario e subscrevi o presente termo. (COLÉGIO PEDRO II, 1926-1927: 20)

Por razões ainda desconhecidas, a aluna Yvonne não chegou a frequentar o Colégio em 1926, mas no ano seguinte renovou sua matrícula no segundo ano, recebendo nas festas de encerramento desse período letivo o prêmio “Menção Honrosa” por boa conduta.

Obtiveram prêmios de boa conduta os alumnos Daniel Lacé Brandão, Mario Reis Pereira, Alem Pedro, Eratosthenes Pereira, Jadyr Maciel, Rubem Magalhães Pecego, Bernardino Candido e Almeida Albuquerque, Faim Pedro, Paulo Abrantes da Silva Pinto, Alberto David dos Santos, Yvonne Monteiro da Silva, Yan Amaral Bayardino. (COLÉGIO PEDRO II, 1930: 93)

O ingresso de Yvonne abriu precedente para outras matrículas de estudantes do sexo feminino no Colégio Pedro II, ainda no ano de 1927. Segundo o Secretário do Externato dessa época, o Sr. Octacílio A. Pereira, no citado ano letivo, num total de 746 alunos matriculados, 717 pertencem ao sexo masculino e 29 ao sexo feminino (PEREIRA, 1937: 14), dentre elas, Josepha Pereira, matrícula nº. 333; Anna Schechter, matrícula nº. 472; Lybia de Magalhães, matrícula nº. 507; Daphne Carvalho, matrícula nº. 530. (COLÉGIO PEDRO II, 1926-1927: 289, 324, 333 e 338). No Relatório do Diretor do Externato, Henrique Dodsworth, concernente aos anos de 1932 e 1933, foi possível localizar essas meninas na lista de alunos que “concluíram o curso na sexta série em primeira época, tendo colado grau de Bacharel em Ciências e Letras”, no ano de 1932. (COLÉGIO PEDRO II, 1933:93-94).

A primeira aluna a ser matriculada e a receber o grau de Bacharel depois de seis anos de estudo, Yvonne Monteiro da Silva, no mesmo ano de sua formatura, ou seja, em 1931 recepcionou alguns membros do 2º Congresso Feminino, quando em visita ao Colégio.

O Colégio festejava os seus, sabendo honrar os alheios. Assim, recebeu em 1931 os delegados do 2º Congresso Feminino, dedicando-lhes sessão especial no Salão Nobre do Externato, chamando à mesa da solenidade as delegadas Dras. Bertha Lutz e Carmen Portinho”. (DÓRIA, 1997: 243).

O ingresso das meninas no Colégio Pedro II foi uma das reivindicações do movimento feminista brasileiro, já presente no 1º Congresso Internacional pelo Progresso Feminino ocorrido no Rio de Janeiro, em 1922. Dessa maneira, Yvonne foi alçada a símbolo dessa luta. Nada mais revelador do que o registro fotográfico pertencente ao Fundo do Arquivo Nacional

FBPF (Federação Brasileira pelo Progresso Feminino), onde essa aluna aparece discursando na sessão especial que ocorreu no salão nobre, por ocasião da visita das feministas ao Colégio.

A partir de 1927, depois de uma longa trajetória de noventa anos a contar do momento da criação do Colégio em 1837, as meninas passaram a ocupar definitivamente os bancos escolares dessa instituição. A admissão mais regular das alunas, entretanto, só ocorreu com a Reforma Francisco Campos (1931/1932).

Para ser aluna do Colégio Pedro II, um extenso percurso foi trilhado pela mulher e não foi sem luta que ela conseguiu fazer parte do corpo docente dessa instituição de ensino. Coube à professora Maria da Glória Ribeiro Moss iniciar essa difícil jornada. No dia onze de outubro de 1926 ela foi contratada para reger a cadeira de Química, no Externato, (COLÉGIO PEDRO II, 1923-1937: 66) e nessa função permaneceu por dez anos, até 1937.

Maria da Glória, além de professora contratada do Colégio, foi docente efetiva de Química da Escola Normal a partir de 1924 e nesse mesmo estabelecimento de ensino exerceu contrato como regente da citada disciplina desde 1922; foi designada professora de Física e de Química Industrial na Escola Rivadavia Corrêa, de 1932 a 1933; de Química e Francês na Escola Orsina da Fonseca, de 1934 a 1935; de Química, Ciências Naturais e Higiene na Escola Paulo de Frontim, de 1936 a 1938; de Química da Escola Souza Aguiar em 1934 e da Escola João Alfredo, de 1938 a 1939. Foi, igualmente, regente efetiva de História Natural do Lyceu de Humanidades Nilo Peçanha. Além de possuir registro como professora de Química, Física e História Natural, era também diplomada pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, inscrita na Ordem dos Advogados, sob nº. 3228 e, da mesma forma, diplomada na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

Com uma experiência considerável e uma consistente formação, Maria da Glória Moss candidatou-se, através de concurso público de provas e títulos, à Cátedra de Química do Externato e Internato, em 1933. Apresentando a tese “Novo processo catalytico de analyse orgânica” (MOSS, 1933:1) à Congregação do Colégio, a professora de Química não logrou sucesso, pois o concurso foi suspenso. Sem desistir de tal pretensão, a de ser a primeira mulher a ocupar cátedra no Colégio Pedro II, Maria da Glória tentou concorrer a ela, mais uma vez, em 1939, com a tese “Catalyse”. No prólogo dessa tese impressa revelou a mágoa guardada desde o concurso de 1933 quando, incompreendida na sua escolha por um trabalho prático de laboratório, inédito e como tal, patenteado, não obteve o reconhecimento esperado da casa onde trabalhava:

[...] não deixando de lastimar a falta de carinho com que foi tratada a tese anterior, que no estrangeiro logrou “mensão honrosa” e que era, trabalho original, privilegiado com uma patente de invenção, sob cujo assunto até hoje nada mais surgiu, e que representava grande trabalho de laboratório. (MOSS, 1939: prólogo)

Adiantando-se ao resultado, ainda no prólogo de sua segunda tese, previu que sua empreitada seria vã. De fato, Maria da Gloria foi preterida e a cátedra, por ela tão almejada, foi ocupada pelo professor Luis Pedreira de Castro Pinheiro Guimarães.

Ainda que tivesse a certeza de que mais uma vez o concurso de química seria inutilizado, e com ele despresadas as forças, as energias, os dispendios materiais daqueles que por um ideal, digno e elevado, se submetem ainda, confiantes na justiça dos homens, às provas publicas de concurso, para o exercicio de uma das mais nobilitantes profissões, não deixaria de concorrer com a minha parcella de meu grande ideal, apresentando-me com uma tese. (Id.)

Enquanto existiu o concurso para cátedras, até a década de sessenta do século XX, nenhuma mulher, em qualquer disciplina, assumiu esse lugar no Colégio Pedro II, “permanecendo, na memória coletiva institucional, a idéia de personificação do saber científico e da gestação de discípulos como um atributo masculino”. (ANDRADE, 2000: 9) Ainda que não tivesse alcançado seu “ideal”, a cátedra, Moss abriu caminho para o ingresso de professoras no Externato que, a partir de 1928, começaram a reger, principalmente, Francês, Inglês e Português. Nessa mesma época, essa seção de ensino também passou a receber alunas em classes divididas por sexo. O Internato, em São Cristóvão, por sua vez, continuou interditado às meninas, destinando-se exclusivamente aos estudantes do sexo masculino.

Dessa maneira, se no Externato as mulheres começavam a ocupar os bancos escolares e as regências de algumas turmas, o Internato mantinha-se fechado ao feminino. Foi Carmem Velasco Portinho a primeira professora a transitar por esse espaço. Em 1927⁴, através de Portaria de 1º de junho do Diretor do Internato, foi designada “para reger a 2ª turma suplementar de Arithmetica do 1º ano”. (COLÉGIO PEDRO II, 1928: 27)

Nascida em Mato Grosso, Carmem Portinho veio para o Rio de Janeiro ainda criança. Em 1920, ingressou na Escola Politécnica da Universidade do Brasil, diplomando-se em engenheira-geógrafa, em 1924, e engenheira civil, em 1926. Durante um ano conciliou o trabalho de engenheira da prefeitura e o de professora do Colégio Pedro II, mas logo optou por dedicar-se exclusivamente à Engenharia, deixando essa instituição de ensino, em 1929.

⁴ Em entrevista concedida a Vera Rita da Costa para a *Revista Ciência Hoje*, publicada em novembro de 1995, Carmem Portinho afirmou ter lecionado no Internato do Colégio Pedro II em 1925, quando ainda não havia se formado. Até o momento, não foi possível localizar no NUDOM qualquer documento que reforce essa tese.

Não só do corpo discente e do corpo docente do Colégio as mulheres passaram a fazer parte. Os cargos administrativos também foram ocupados por elas. A professora Maria Leda de Moraes Chini foi a primeira e única mulher a desempenhar a função de diretora do Externato Bernardo de Vasconcelos, no ano de 1979.

Pelo Decreto-Lei nº 419, de 10 de janeiro de 1969, o Colégio Pedro II passou a constituir-se de duas unidades: o Externato, que tomou a denominação Externato Bernardo de Vasconcelos; e o Internato, que tomou a denominação Externato Frei de Guadalupe. As Seções Sul e Tijuca ficaram subordinadas ao Externato Bernardo de Vasconcelos. A Seção Norte ficou subordinada ao Externato Frei de Guadalupe⁵. Nos Externatos foi ministrado o ciclo colegial, enquanto as seções se encarregaram do ciclo ginásial⁶.

Assim, sob a orientação administrativa de Leda Chini estiveram o Externato Bernardo de Vasconcelos e as duas seções a ele subordinadas, apenas durante o ano de 1979. No ano seguinte, o diretor geral do Colégio, professor Tito Urbano da Silveira, transformou as seções em unidades. Nesse mesmo ano, a professora Chini passou a dirigir a Unidade Centro até 1983, quando se aposentou, encerrando uma trajetória de dedicação ao Colégio. Dessa casa foi aluna, de 1940 a 1947. Formada em Línguas Anglo-Germânicas pela Faculdade Nacional de Filosofia, no ano de 1951, ingressou no Colégio Pedro II, em 1956, para ministrar aulas de Português na Seção Norte, onde permaneceu até ocupar cargo de direção. Atualmente, dedica-se à literatura infanto-juvenil. São de sua autoria os livros: O julgamento do palavrão, O sobrado mal-assombrado, A fofoqueira e outras histórias e O menino sorridente e outros poemas. Em março de 2009 recebeu o título de aluno eminente do Colégio Pedro II.

O último espaço a ser ocupado pelas mulheres no Colégio foi a direção geral e coube à professora Maria Amélia Amaral Palladino essa empreitada. Formada em Línguas Anglo-Germânicas, em 1961, e em Direito, no ano de 2001, pela Pontifícia Universidade Católica, ingressou nessa instituição de ensino, na primeira matrícula, em 1962, e na segunda matrícula, em 1979. Atuou como professora de Português nas Unidades Humaitá, Centro e Tijuca. Em 1979 tornou-se assessora da diretora Maria Leda Chini. De 1980 a 1983 dirigiu a Unidade Humaitá. De 1983 até a sua aposentadoria, em 1992, esteve à frente da Unidade Centro.

Já aposentada, a professora Maria Amélia apresentou-se para ser diretora geral do Colégio. Nessa época, não havia eleição para esse cargo, que era recomendado pelo Ministro da Educação. Antes, porém, dessa indicação a professora Maria Amélia e o professor Paulo

⁵ O Externato hoje é denominado Unidade Centro, o Internato de Unidade São Cristóvão e as seções Norte e Sul, Engenho Novo e Humaitá, respectivamente.

⁶ O Ciclo Colegial equivale, hoje, ao Ensino Médio e o Ciclo Ginásial aos os anos finais do Ensino Fundamental

Fábio, que também pleiteava a direção, visitaram as unidades, distribuíram seus programas, receberam moções de apoio e participaram de um debate. Concluída essa etapa, a professora Maria Amélia Amaral Palladino foi indicada pelo Ministro, depois de ouvido o Secretário Executivo do MEC, o Sr. Antonio José Barbosa, que acompanhou todo o procedimento. Na direção geral ela permaneceu de 1992 a 1993.

Observando a trajetória dessas mulheres que ajudaram a escrever a história do Colégio Pedro II é possível concluir que a inserção feminina nessa instituição de ensino foi fruto de um longo e difícil processo. O antigo Imperial Collegio de Pedro Segundo, voltado exclusivamente para a educação dos meninos, cedeu vez a um Colégio onde também a mulher pode construir seu espaço.

Hoje, no corpo docente há um equilíbrio entre o número de alunos e alunas. Dos 974 professores, 635 pertencem ao sexo feminino. Doze Departamentos Pedagógicos possuem uma mulher à sua frente, dentro dos dezesseis existentes. Das 16 Unidades Escolares do Colégio Pedro II, 9 são dirigidas por mulheres. Na direção geral há, igualmente, uma mulher, a professora Vera Maria Ferreira Rodrigues e a ela coube também o pioneirismo de ter ocupado, antes dessa direção, o cargo de Secretária de Ensino.

As conquistas femininas no Colégio Pedro II foram várias. No entanto, nenhuma mulher citada nesse trabalho conseguiria, isoladamente, vencer tantos obstáculos. Cada vitória foi fruto de um trabalho conjunto, onde mulheres e homens contribuíram para que o Colégio se tornasse um lugar múltiplo.

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Luiz; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 323 p.

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. *Colégio Pedro II: o feminino como exceção*. [S.l.:s.n.], 2000. 9 f.

BRASIL. Decisão do Governo nº. 58, de 26 de setembro de 1885. *Collecção das decisões do governo do Imperio do Brazil*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. p. 40.

COLÉGIO PEDRO II. *Livro de Correspondência do Reitor do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo com o Ministro do Império*. [Rio de Janeiro: Colégio Pedro II], 1858-1883. 238 f.

_____. *Livro de Matricula de alunos do Externato do Collegio Pedro II*. [Rio de Janeiro: Colégio Pedro II], 1926-1927.

_____. *Livro de Matricula de alunos do Externato do Collegio Pedro II*. [Rio de Janeiro: Colégio Pedro II], 1927-1929.

_____. *Livro de Registro dos diversos títulos de nomeações, exonerações e dispensa de professores e empregados da administração do Collegio Pedro II (Externato e Internato)*. [Rio de Janeiro: Colégio Pedro II], 1923-1937.

_____. *Relatório concernente aos annos lectivos de 1926 e 1927 apresentado ao Ex.^{mo} Snr. Director Geral do Departamento Nacional do Ensino por Pedro do Couto, director do Internato*. Rio de Janeiro: Pão. Americana, 1928.

_____. *Relatório concernente aos annos lectivos de 1927 a 1929 apresentado ao Ex.^{mo} Snr. Director Geral do Departamento Nacional do Ensino pelo Prof. Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, director do mesmo Externato*. Rio de Janeiro: Typ. d'A Encadernadora S.A., 1930.

_____. *Relatório dos anos de 1932-1933 apresentado pelo Diretor Henrique Dodsworth*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.

DÓRIA, Escragnolle. *Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo (1837-1937)*. 2ª ed. Brasília: INEP, 1997. 302 p.

KURY, Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, nº. 41, 2001. p. 157-172.

MOSS, Maria da Gloria Ribeiro. *Catalyse*. Rio de Janeiro: Typ. America, 1939. 70 p.

_____. *Novo processo catalytico de analyse orgânica*. Rio de Janeiro: Typ. America, 1933. 77 p.

PEREIRA, Octacílio A. *O Colégio Pedro II nos últimos dez anos (1927-1937)*. Rio de Janeiro: Typografia Alba de Moreira Cardoso & Freitas Ltda, 1937.